



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, a emissoras de rádio de AM, PE, MG, PA, BA, RS, CE e GO
Palácio do Planalto, 18 de novembro de 2005**

Luís Fara Monteiro: Olá, amigos em todo o Brasil, são 8h06, falamos ao vivo do Palácio do Planalto para esta entrevista coletiva do presidente Luiz Inácio Lula da Silva a emissoras de rádio. Esta é a primeira de uma série de três entrevistas coletivas de rádio com o Presidente da República.

A primeira será realizada com emissoras de redes regionais, menos São Paulo e Rio de Janeiro.

Participam desta coletiva nove emissoras de todas as regiões do país: duas da região Norte, duas da região Sul, três da região Nordeste, uma do Sudeste e uma da região Centro-Oeste.

Os nossos amigos radialistas já estão posicionados por meio de sorteio. E a gente passa a palavra para o presidente Lula abrir esta entrevista.

Bom dia, Presidente.

Presidente: Bom dia Luís, bom dia, amigos da imprensa.

Eu penso que esta entrevista de hoje está possibilitando concretizar uma coisa que eu tinha assumido na primeira entrevista de rádio que eu dei, aqui, que era preciso valorizar um pouco a imprensa regional. Muitas vezes, nós conversamos muito com a imprensa nacional e, muitas vezes, nós deixamos de atender à imprensa local.

Esta é uma experiência que eu espero que, daqui para a frente, a gente possa repeti-la muitas vezes e, sempre que possível, trazer aqui representação dos estados para que possamos falar, primeiro, de política nacional; segundo, falar das políticas locais, as políticas regionais, dando à imprensa regional o valor que eu acho que ela tem.



Quando nós moramos numa cidade como Brasília ou numa cidade como São Paulo ou Rio de Janeiro, passa-se a idéia de que são determinados jornais que são os jornais nacionais, determinadas rádios que são nacionais e, quando a gente visita um estado, a gente percebe que o que tem importância, na verdade, é o jornal local e a rádio local. Muitas vezes, você sai 70 quilômetros da capital e o jornal da capital já não tem mais importância naquela cidade, o que tem importância é o jornal local.

E eu penso que nós estamos fazendo esta experiência que vai nos conduzir a dar mais importância aos contatos com a imprensa regional que, muitas vezes, consegue falar mais diretamente com o povo do que, somente, a imprensa nacional.

Então, eu quero dizer para vocês que é uma alegria poder estar conversando com vocês. Vamos fazer uma entrevista bem franca, ou seja, não haverá nenhum veto a nenhuma pergunta, não haverá pergunta que não tenha resposta e quero que vocês fiquem totalmente à vontade para exercer o papel de perguntadores que vocês tão bem aprenderam.

Luís Fara Monteiro: Então vamos começar. Compõe esta mesa, também, o porta-voz da Presidência da República, professor André Singer. A gente começa com Wilson Ibiapina, da Rádio Verdes Mares e chefe da sucursal de Brasília da Verdes Mares. Ibiapina, bom dia.

Wilson Ibiapina – Rádio Verdes Mares: Bom dia. Bom dia, Presidente. A pressão é grande, Presidente, para que o senhor mude a política econômica. Os empresários querem juros mais baixos, os políticos, mais verbas. As críticas dentro do próprio governo são feitas com tanta desenvoltura que há quem diga que o senhor estaria ajudando a soltar o fogo amigo, que pode fritar a atual política econômica. O senhor quer mesmo fazer mudanças na política econômica?



Presidente: Olhe, um ser humano nasce e morre tentando aperfeiçoar as coisas que ele consegue fazer, por melhores que elas sejam. O dado concreto e objetivo é que a política econômica do nosso governo tem sido extremamente exitosa. Se vocês analisarem a política econômica do nosso governo, analisarem a situação econômica do Brasil e analisarem a situação econômica do Brasil em outros anos, escolham o tempo que vocês quiserem, vocês vão perceber que há poucos momentos na história do Brasil em que nós temos um conjunto de ações positivas. Como jamais tivemos no Brasil, nós temos crescimento das exportações, nós temos crescimento das importações, nós temos crescimento de superávit comercial, a nossa balança comercial é altamente superavitária, nós temos um saldo de 41 bilhões de dólares, nós temos crescimento da poupança interna, nós temos o crescimento da massa salarial, nós temos crescimento da geração de empregos.

Só para vocês sentirem e, sobretudo, o jornalista Wilson Ibiapina, que fez a pergunta, nós estamos criando nesses três anos, 3 milhões e 700 mil empregos de carteira assinada, coisa que há muitos e muitos anos não acontecia no Brasil. Obviamente que tudo isso vai melhorar na hora em que o juro der sinais de que vai baixar, e na hora em que o juro baixa a gente pode ter uma ajustamento na política cambial e a gente vai poder exportar mais e vai poder distribuir mais renda no Brasil.

Mas, o dado concreto é que a política econômica do nosso governo tem sido muito exitosa e eu tenho orgulho de defender a política econômica e tenho orgulho de dizer que nós trabalhamos, todo santo dia, com a certeza de que nós vamos consertar para melhor a política econômica. Quando as pessoas criticam a política econômica as pessoas criticam, muitas vezes, a taxa de juros. Outras vezes, as pessoas criticam o superávit primário, outras vezes as pessoas criticam a política cambial.



São três fatores da nossa política monetária que vão se ajustando na medida em que a gente vai consolidando a estabilidade econômica porque com a estabilidade econômica que nós estamos conseguindo nesse momento, com a criação de políticas sociais como o Bolsa Família, que dá sustentação a milhões de brasileiros pobres e com a geração de empregos, nós estamos criando um mundo muito mais positivo, um Brasil muito mais justo, um Brasil muito mais equânime.

Portanto, eu quero, Ibiapina, dizer para você que a nossa política econômica é exitosa e ela só tende a melhorar. Quando você vier fazer uma entrevista comigo, em 2006, você vai perceber que os números serão muito mais exitosos do que são hoje, porque foi para isso que nós trabalhamos. Fizemos um sacrifício enorme em 2003. Todo mundo sabe o sacrifício que nós fizemos. Eu tomei posse e uma semana depois estávamos fazendo o contingenciamento de 14 bilhões de reais no Brasil, porque era preciso fazer, porque nós aprendemos que é melhor gastar apenas aquilo que a gente tem e não fazer dívida para que os outros paguem depois. Fizemos isso e agora estamos colhendo, de forma madura, de forma serena, dando os passos de acordo com o tamanho da nossa perna para que a gente não tenha uma distensão e não pare de jogar, ou seja, o Brasil está tendo a oportunidade de ter um crescimento sustentável e de longo prazo. Nós queremos que o Brasil cresça durante 10 anos, durante 15 anos e esse crescimento é que vai permitir que o Brasil faça a distribuição de renda e a justiça social que tanto nós precisamos fazer.

Luís Fara Monteiro: Presidente Lula responde agora à pergunta do radialista Patrick Mota, editor-chefe de rádio e jornalismo da Rede Amazônica. Bom dia, Patrick.

Patrick Mota – Rede Amazônia: Bom dia, Luís, bom dia a todos que aqui



estão, bom dia aos ouvintes, bom dia, sr. Presidente.

Presidente: Bom dia, Patrick.

Patrick Mota – Rede Amazônia: Presidente, a gente tem observado uma situação que vem ocorrendo há muito tempo no seu governo quanto a alguns atritos que ocorrem. Primeiro, o Vice-Presidente sempre critica a questão dos juros ao empresário. A gente entende até que o Vice-Presidente, às vezes, esquece que é Vice-Presidente, lida mais como empresário. A gente observa atritos entre Dilma Rousseff, agora, e o ministro Palocci; recentemente, na Amazônia, uma discussão também com o ministro Alfredo Nascimento, dos Transportes, e a ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, quanto à BR-319. Eu pergunto ao senhor: isso significa dizer, na sua avaliação, Presidente, que o seu governo é bastante democrático, que deixa em aberto essas coisas, mesmo elas causando algum desgaste ao governo, ao ponto de o senhor chamar alguns para conversar como ocorreu, ou como é que o senhor observa, na realidade, essa situação?

Presidente: A divergência só existe onde existe democracia. Se não existir democracia, ou seja, se nós vivêssemos em um regime autoritário, possivelmente as perguntas que os jornalistas fizessem para mim teriam que passar pelo dono do jornal, como já tivemos experiência no Brasil. Na medida em que você exerce a democracia na sua plenitude é normal que dois ministros, enquanto você não tem uma decisão de governo, mas uma decisão apenas desse ou daquele ministro, tenham divergências. Na medida em que os ministros têm divergências, como é que nós dirimimos essa divergência? Nós convocamos uma reunião com os ministros que estão divergindo e resolvemos o problema, porque aí nós transformamos a divergência em uma política pública do governo, e aí todos passarão a defender aquela política pública. Eu



vou dar um exemplo de uma coisa que aconteceu ontem, para a gente notar como muitas vezes as divergências são elevadas a conseqüências desproporcionais. Ontem, eu participei de um ato do Selo Social para o Biodiesel, o financiamento que nós estamos fazendo com o subsídio para as empresas que estão contratando biodiesel, comprando a mamona, comprando a soja, comprando a semente de girassol do pequeno produtor. Nós damos um selo social e ele terá redução do PIS, do COFINS, e a ministra Dilma foi a coordenadora do Programa até deixar o Ministério de Minas e Energia. E eu a convidei, como convidei o ministro Miguel Rossetto. Hoje, eu estou lendo a imprensa e estou vendo as manchetes, e fui perguntado ontem porque eu privilegiei a ministra Dilma, em detrimento do ministro Palocci. É uma coisa totalmente maluca porque o Palocci é um ministro extremamente importante para o governo, a Dilma é uma ministra extremamente importante para o governo, houve uma divergência por conta de uma tese – que não é uma política de governo – apresentada pelo Ministério do Planejamento sobre uma política fiscal de longo prazo. Esse debate que é feito na Câmara sobre política econômica, do qual eu não participo – eu apenas, quando tem um consenso, eles me trazem para saber se eu concordo ou não, se tem que mudar alguma coisa – e essa divergência saiu na imprensa. Por enquanto eles estão debatendo. Quando eles terminarem o debate, trarão à minha mesa e, junto com a Comissão de Política Econômica, nós pegamos essa tese, transformamos em uma política pública do governo e aí, Dilma, Palocci, o presidente Lula, o Ministro do Planejamento, o Ministro da Agricultura, o Ministro do Meio Ambiente, todos passarão a defender a política definida pelo governo. Portanto, eu não me preocupo com as divergências, acho que elas são salutares, é saudável que as pessoas expressem o seu pensamento até que esse comportamento não prejudique a totalidade e o conjunto do governo. Eu tenho absoluta convicção da importância do Palocci, da Dilma e dos ministros no meu governo, tenho absoluta confiança de que os dois são



companheiros da maior lealdade e do maior compromisso com o povo brasileiro, portanto você pode ficar certo de que, dessa divergência, sairá algo muito melhor para o Brasil.

Luís Fara Monteiro: Nós estamos transmitindo, ao vivo, do Palácio do Planalto, a entrevista coletiva do presidente Lula a emissoras de rádio. Agora faz a pergunta o radialista Klécio Santos, editor-executivo da sucursal do Grupo RBS em Brasília e comentarista da Rádio Gaúcha. Bom dia, Klécio.

Klécio Santos – Grupo RBS: Bom dia, Presidente

Presidente: Bom dia, Klécio.

Klécio Santos – Grupo RBS: Como é que o senhor vê a possibilidade de convocação do ministro Antônio Palocci pela CPI dos Bingos? E, voltando a essa questão do embate entre Dilma e ministro Palocci, de que lado o senhor está, afinal, nessa questão do ajuste fiscal?

Presidente: Eu estou do lado do povo brasileiro, estou do lado daquilo que for melhor para o povo. Nós fazemos ajuste fiscal por uma questão de responsabilidade. Eu digo sempre: um bom governante trata as questões financeiras do seu país como ele trata as questões financeiras da sua casa, ou seja, com muita responsabilidade, sabendo que ele precisa cuidar com carinho do recurso para que o recurso não seja jogado fora, para que não seja feito nada faraônico, para que sejam feitas as coisas que são consideradas essenciais para o desenvolvimento de um país.

Nós já tivemos momentos, e muitos momentos na história do Brasil, em que em época de eleição se fazia uma gastança enorme e depois a pessoa ficava no governo, ganhava as eleições e não conseguia governar o segundo



mandato porque não conseguia pagar a dívida que tinha contraído para se reeleger.

Eu tenho dito que nós não faremos isso. Nós vamos gastar apenas aquilo que for necessário gastar porque o meu compromisso não é com a próxima eleição, o meu compromisso é com a próxima geração, o meu compromisso é saber que daqui a dez, 15 ou 20 anos, meus netos e os netos de milhões e milhões e milhões de brasileiros vão viver muito melhor do que as crianças estão vivendo hoje. Por isso é que nós precisamos ter responsabilidade nesse ajuste fiscal e por isso é saudável a divergência sobre este tema, é saudável, ou seja, significa que nem tudo é decidido só pela Fazenda ou que nem tudo é decidido apenas por outro Ministério que tem como finalidade a construção...

A Dilma, e aí é importante compreender o papel da Dilma e do Palocci. A Dilma, na Casa Civil, e como a Dilma é lá do Rio Grande do Sul, é importante que o povo saiba, a Casa Civil é uma espécie de sala de espera dos ministros que querem questionar, que querem cobrar, que querem começar a discutir novos projetos, que querem mais dinheiro para fazer os projetos. Então, a Dilma passa o dia inteiro recebendo ministros querendo mais obras, querendo mais financiamento, querendo muito mais coisas e é a Dilma a encarregada de trazer para a minha mesa, junto com o Ministro da Fazenda, junto com o Ministro do Planejamento e o Ministro da área que está reivindicando, essas reivindicações.

O papel do Palocci é o papel de qualquer tesoureiro, de qualquer pessoa responsável pelas finanças em qualquer lugar do mundo, o papel do Palocci é tentar segurar o máximo porque ele sabe que se não segurar, a “vaca vai para o brejo”. Então, o equilíbrio entre a nossa necessidade, a nossa vontade, a vontade de um ministro e a disposição e a disponibilidade de liberar recurso é que permite que a gente tenha uma política de gastos justa, sem repetir erros que historicamente foram cometidos no Brasil.



Este é um compromisso que eu tenho e o resultado é altamente positivo, da política econômica, é altamente positivo do crescimento industrial, salvo algumas exceções, é altamente positivo na geração de empregos. Agora, eu acredito, na verdade eu poderia afirmar para vocês o seguinte: olhe, graças a Deus, nós hoje temos espaço para que alguém possa divergir de alguém neste país.

Klécio Santos – Grupo RBS: Sobre a convocação do ministro na CPI dos Bingos?

Presidente: Eu acredito que, se for convocado, o Palocci irá. Até porque ele foi no Senado, ficou quase dez horas no Senado, ou seja, eu que cheguei dez horas da noite lá em casa e depois fiquei assistindo na televisão, eu fiquei cansado, eu fico imaginando o Palocci lá, das três horas da tarde a quase uma hora da manhã, ouvindo toda e qualquer tipo de pergunta, respondendo com a maior objetividade, com a maior sinceridade. Se ele for convidado, eu não vejo por que não ir e certamente ele irá..

Klécio Santos – Grupo RBS: Sim, mas agora o debate não vai ser sobre questões econômicas.

Presidente: Não tem problema. A minha tese é de que quem não deve não teme e para mim a CPI tem um papel, a CPI sempre joga um papel importante quando elas estão obstinadas a apurar alguma coisa com seriedade. Quando ela é utilizada para fazer política, ela vai se perder por si só, porque começa a perder a credibilidade na sociedade, mas se o objetivo e a seriedade de apurar forem levados como prioridade, eu penso que as CPIs terminam sendo um benefício para o Brasil.

Você pode ter certeza que depois de tudo isso o Brasil sairá muito mais



fortalecido e as coisas serão muito melhores para o nosso país.

Luís Fara Monteiro: Presidente, a pergunta agora é de Santino Soares, da Rádio Liberal. Sociólogo e apresentador do programa Bom Dia Cidadão. Santino.

Santino Soares – Rádio Liberal: Bom dia aos colegas das outras emissoras que estão em rede. Senhor Presidente, bom dia.

Eu expresso aqui a minha alegria de participar desta segunda entrevista para a rádio. E a minha felicidade é porque acompanhei, depois da primeira entrevista, o que nós conversamos, aqui, nesta sala. E pude ver que tudo que o senhor falou foi comprovado, desde o que os nossos companheiros lá do Rio Grande do Sul perguntaram sobre o plantio do transgênico, a transposição do rio São Francisco, que entrou na pauta da discussão. Os nossos companheiros do Amazonas perguntaram se o senhor iria acabar com a Zona Franca e o senhor disse que não acabaria. E eu, na oportunidade, fiz uma pergunta sobre alguns projetos estratégicos para o estado do Pará e para a região Amazônica: o asfaltamento a BR-163, a Santarém-Cuiabá, o asfaltamento da Transamazônica e a transposição da barragem, da usina de Tucuruí.

E na ocasião o senhor disse que estava assumindo o compromisso de asfaltar a BR-163, a Santarém-Cuiabá, que tinha uma parceria com o governo do estado para fazer a transposição da barragem de Tucuruí, que a Transamazônica o senhor não se comprometia a asfaltar, mas que faria um serviço. E eu fico satisfeito porque a informação que eu tenho é que neste inverno que está chegando, a estrada vai ficar trafegável porque está se fazendo um trabalho muito bom, um trabalho de colocar cascalho, o que vai ajudar muito os produtores daquela área.

Mas ficou o impasse do asfaltamento da BR 163 e também da construção das eclusas de Tucuruí. E a maior preocupação é porque se for



desativado, Presidente, o canteiro de obras de Tucuruí, dificilmente aquela obra vai sair.

Eu repito novamente a pergunta: nós teremos essas obras lá na Amazônia, lá no estado do Pará?

Presidente: Meu caro Santino, quero aproveitar e cumprimentar o povo do Pará e dizer o seguinte: os compromissos que eu assumi estão de pé. Alguns deles com mais dificuldades, outros sem nenhuma dificuldade. Na questão da Transamazônica nós estamos recuperando, colocando em ordem, fazendo a manutenção de 1.600 quilômetros de estrada que você conhece tão bem quanto eu, porque já passei muitas vezes por lá.

Nós estamos trabalhando a BR-116 para ver se a gente melhora o tráfego, sobretudo na cidade de Belém. Nós estamos discutindo a BR-163, eu assisti até o ministro Palocci, no Senado, ser perguntado por alguns senadores, Ana Júlia e outros senadores, sobre a 163. A rodovia 163 é uma rodovia extremamente sensível. Por que sensível? Porque você sabe perfeitamente bem que quase todos os ambientalistas do mundo estão de olho no que vai ser feito na 163.

Eu tenho conversado com o ministro Alfredo Nascimento, tenho conversado com a ministra Marina e nós precisamos encontrar um senso comum para que possamos fazer a 163 sem causar prejuízos ambientais que em outras estradas foram causados em outros anos. É uma estrada extremamente sensível e nós queremos fazer, porque ela é muito necessária para a região Norte do Brasil, ela é extremamente necessária. Eu diria que ela é uma artéria altamente importante para aquela região e nós queremos concluí-la. Pode demorar um pouco mais, mas ela vai ser feita como uma rodovia exemplar entre o desenvolvimento de uma região e a preservação ambiental.

A questão da eclusa. Eu estive visitando Tucuruí. Assumi o compromisso de fazer a eclusa, foi colocado dinheiro no PPI, de repente houve



uma divergência no preço da eclusa. Houve uma divergência que também eu vi o ministro Palocci ser cobrado no Senado. Na próxima semana nós vamos convocar aqui o ministro Alfredo Nascimento, possivelmente convoquemos a empresa para saber porque houve essa diferença de preços entre aquilo que estava previsto e o novo preço que a empresa apresentou, porque a eclusa é uma obra muito necessária para o estado do Pará. E sobretudo para o escoamento da produção de um estado que, cada vez mais, produz mais, e cada vez mais, exporta mais. Os compromissos continuam mantidos e aquilo que tem dificultado, nós vamos tentar resolver da melhor forma possível, sem permitir que as obras caiam no esquecimento, como muitas vezes aconteceu no Brasil.

Luís Fara Monteiro: Nós estamos acompanhando a entrevista coletiva do presidente Lula às emissoras de rádio. Vamos fazer um pequeno intervalo de três minutos e voltamos, ao vivo, em seguida. Até já.

Oito horas e trinta e dois minutos. Bom dia a você, em todo o Brasil. Voltamos com a entrevista coletiva do presidente Lula, direto do Palácio do Planalto, a emissoras de rádio. Quem faz a pergunta, agora, é o radialista Sandes Junior, da Rádio Terra FM e da Rádio 730AM, apresentador do programa Sandes Junior, líder de audiência no estado. Sandes, bom dia.

Sandes Junior – Rádio Terra FM e Rádio 730 AM: Bom dia. Bom dia, Presidente. Bom dia a todos os companheiros. Primeiro, o meu testemunho aqui, de que esta entrevista é altamente democrática, ninguém quis saber que pergunta qualquer um de nós iria fazer. É como disse o Presidente, na abertura, porque sempre tem alguém que pergunta: “escuta, pediram para perguntar alguma coisa?” Fica aquela desconfiança. Então eu quero dar aqui o meu testemunho, como já foi dado no Roda Viva, não me lembro, por um jornalista que falou a mesma coisa.



Presidente, todo mundo só pergunta, lota a mente do senhor com questões nacionais e até internacionais. Eu vou para uma pergunta regional. A transposição do rio São Francisco é uma obra importante, é claro que ela é polêmica, e talvez seja polêmica até pelo desconhecimento de muitos, que querem falar o que não sabem com relação a ela. Mas eu quero focar em uma pergunta regional, que é a Ferrovia Norte-Sul. Acho a Ferrovia Norte-Sul tão importante quanto a transposição do rio São Francisco. A Ferrovia Norte-Sul passa por estados que podem abastecer não só o Brasil, mas também o mundo, em termos de alimentos. Ela passa por Mato Grosso, por Goiás, Tocantins, enfim, Maranhão, e ela está praticamente parada. Começa, pára, começa, pára, pára, começa. E é uma obra que todos dessa região não sabem quando ela terá um fim. Eu queria saber do seu governo se a Ferrovia Norte-Sul, que nos interessa, à região Centro-Oeste, Norte e Nordeste, ela vai ter uma priorização do seu governo, o senhor vai colocar alguma coisa para, quem sabe, o próximo governo, pode ser até seu, no caso de uma reeleição... Como é que o seu governo encara uma obra fundamental, principalmente para a agricultura brasileira, que é a Ferrovia Norte-Sul? Eu colocaria também o biodiesel porque Goiás, Tocantins, podem entrar maciçamente também na produção da mamona, na produção da soja, aumentar mais ainda no que se refere ao biodiesel, que é um programa do seu governo.

Presidente: Primeiro, Sandes Junior, é um prazer, porque eu não sabia que você viria aqui como... Ontem, o André me disse: "olha, tem um jornalista que foi deputado, vocês fizeram passeata e caminhada juntos na cidade de Goiânia". É um prazer saber que você está de volta à rádio e, sobretudo com um programa, com muita audiência. O São Francisco, logo, logo, vai ter um debate aqui, porque aqui nós temos estados receptores, temos estados doadores, daqui a pouco nós vamos assistir a uma briga, aqui, entre o Ceará e a Bahia, entre Pernambuco... vai ser uma coisa... e uma parte de Minas Gerais.



Nós vamos ter uma celeuma aqui, eu espero que seja uma briga entre os jornalistas e não me envolvam nessa briga. Mas, vou dizer para você o seguinte: o projeto São Francisco é um projeto necessário. E eu tenho certeza que, muitas vezes, a discussão envereda para o campo da ideologia e não permite que a racionalidade permeie a cabeça das pessoas. Eu não acredito que tenha na Bahia, com um povo generoso como é o povo baiano, alguém que queira negar um copo de água a um irmão do semi-árido que precisa de água para beber. O canal está sendo pensado de forma muito equilibrada, nós vamos extrair do rio São Francisco apenas 1% da água do rio São Francisco para levar água para beber para 12 milhões de pessoas que moram no semi-árido.

Nós tomamos como iniciativa primeira, discutir a revitalização do rio São Francisco, porque hoje eu fico vendo pessoas falarem em revitalização mas pessoas que já governam o país há 30 anos, 40 anos e estão jogando esgoto nos afluentes do rio São Francisco, desmataram todo o cerrado que permeava as margens do rio São Francisco e nós estamos nos propondo a recuperar tudo isso para que a água a ser levada para o semi-árido não seja um transtorno para o rio São Francisco.

Nós estamos fazendo debate e vamos continuar fazendo esse debate enquanto for necessário porque eu moro em São Bernardo, eu não moro mais no semi-árido nordestino, eu não moro mais no nordeste. Agora eu não posso, porque eu não tenho problema de água, não me incomodar com um problema que incomoda o Brasil há 300 anos, no mínimo. É uma questão de justiça social, além do que, um canal de quase 700 quilômetros, ou seja, nós estamos colocando dois quilômetros e meio à margem do canal, de cada lado, para que a gente possa fazer políticas de assentamento para ajudar a agricultura familiar. É um projeto de cunho social extremamente forte, é um projeto que está sendo pensado, sobretudo, para manutenção do rio São Francisco, que é uma paixão nacional, e para isso nós temos que cuidar, não apenas de tirar 1%



da água, mas de conservar e recuperar as matas ciliares, que a gente possa fazer um tratamento de esgoto na região toda, são quase 200 cidades que permeiam as margens do rio São Francisco e por isso estamos com a PEC no Congresso Nacional querendo aprovar... que estabelece uma pequena quantia que dá 300 milhões de reais/ano, para que a gente faça a revitalização do rio São Francisco.

Então é extremamente importante, Sandes, e eu fico agradecido que você tenha feito esta pergunta antes que os jornalistas do Nordeste, dos estados, façam.

Sandes Junior – Rádio Terra FM e Rádio 730 AM: Eu fiz ela Presidente, para entrar na Norte/Sul.

Presidente: E vou entrar na Norte/Sul agora. A Norte/Sul, eu até um tempo desse pedi desculpas ao presidente Sarney, porque quando foi lançada a idéia da Norte/Sul, eu era deputado Federal constituinte e eu e tantos outros, eu até comentava com o ministro do Supremo Tribunal Federal o presidente Nelson Jobim, que também era deputado, que nós fizemos muitos discursos contra a Ferrovia Norte/Sul e hoje eu, estou convencido que a Norte/Sul é muito, muito importante a ser concretizada. Por isso eu quero antecipar para você, que certamente no começo do próximo ano, nós iremos a Goiás dar início a um outro trecho da Ferrovia Norte/Sul.

Nós trabalhamos quase que um ano tentando construir uma PPP com empresas chinesas para que a gente pudesse construir a totalidade da Ferrovia Norte/Sul, isso demorou muito e o resultado não foi positivo e nós agora vamos, com o dinheiro do orçamento, começar a fazer uma nova parte da Ferrovia Norte/Sul, porque ela é extremamente importante para o escoamento da produção de um estado que cresce de forma extraordinária como o cresce o estado de Goiás e como cresce a região Centro-Oeste do Brasil.



Portanto, você estará comigo num palanque logo, logo, dando início às obras da Ferrovia Norte/Sul.

Luiz Fara Monteiro: Presidente, vamos ouvir agora o radialista Mário Kertész, administrador de empresas, ex-prefeito de Salvador e também apresentador do Jornal da Bahia no Ar. Mário, bom dia.

Mário Kertész – Jornal da Bahia no Ar: Bom dia, bom dia Presidente.

Presidente: Bom dia, Mário.

Mário Kertész – Jornal da Bahia no Ar: Presidente, o senhor disse que a gente pode fazer qualquer pergunta, devemos nos sentir à vontade. Eu queria entrar na área política e a gente conversar um pouquinho sobre isso. Dificilmente hoje, no Brasil, pode existir uma pessoa que não acredite que o senhor será candidato à reeleição. É um direito seu, o senhor é presidente da República, foi contra a reeleição, mas existe hoje um instituto da reeleição e, mais do que claro para a população brasileira, embora o senhor tenha evitado se definir sobre isso, que o senhor será candidato à reeleição. Então, a pergunta que eu faço ao senhor é a seguinte: desta vez, o senhor candidato à Presidência da República, o senhor vai com um partido já não tão forte quanto estava em 2002. O senhor perdeu alguns companheiros, que se afastaram, como o próprio José Dirceu, que foi importante na sua campanha, o seu marketeiro, Duda Mendonça, e outras divisões. O próprio PT perdeu um pouco aquela fisionomia que tinha e, se de um lado o senhor vai apresentar a sua política econômica exitosa, como o senhor falou, e as coisas que o senhor conseguiu, é claro, no seu governo, é mais do que justo isso, mas também seus adversários vão buscar os pontos que não tenham sido cumpridos em sua campanha, como por exemplo, a segurança do Brasil que é hoje uma coisa



difícilima e, cada vez, pior, a recuperação de estradas e rodovias. Enfim, usando também o senhor, agora, como um pouco de vidraça. O senhor, agora, vai levar chumbo quando começar o processo de reeleição. Além de ser presidente da República, o senhor será candidato. Então, a pergunta que eu queria fazer ao senhor é a seguinte: como é que o senhor pretende e com que forças o senhor pretende fazer essa segunda jornada, que eu tenho certeza que o senhor vai fazer?

Presidente: Só podia ser um baiano para me fazer essa pergunta e permitir que possamos discutir um pouco de política a partir do pensamento do presidente da República. Por que eu não decidi ainda se sou ou não candidato? Por uma razão muito simples: quem acompanha a minha vida política sabe que eu, na Constituição de 1988, votei contra a reeleição. Eu tenho esse pensamento. Entretanto, eu sei que o instrumento da reeleição foi aprovado. Aliás, eu fui vítima naquela ocasião. Vocês estão lembrados que o mandato era de cinco anos. Quando, em 1994, eu estava muito bem nas pesquisas no mês de abril, fizeram uma mudança e reduziram o mandato para quatro anos, pensando que eu ia ganhar as eleições. Eu não ganhei as eleições, o Fernando Henrique Cardoso ganhou, aumentou para cinco anos... ou melhor, aí propuseram, em 1996, a tese da reeleição. Quando você é presidente da República ou você entra na política, não é você sozinho que toma uma decisão de dizer “eu vou ser ou não vou ser”, porque você participa de uma agremiação, você participa de um conjunto de pessoas que te ajuda a decidir e a tomar determinadas posições sobre candidaturas a vereador ou a presidente da República. Eu estou muito convencido de que o presidente da República não tem que fazer campanha eleitoral antes do momento que se começa a campanha, porque no Brasil, lamentavelmente, no ano de eleição, as coisas param, e eu tenho mais um ano e dois meses de mandato, e quero exercer este mandato na sua plenitude, até porque agora nós estamos



colhendo muita coisa que nós plantamos. Então, se eu tiver que decidir, Mário, vai ser lá para março, ou abril ou maio, não vai ser agora e, para eu decidir, estou levando muitas coisas em consideração.

A única coisa que não me assusta é o embate político, porque eu não vou ser vidraça porque eu sou Presidente. Eu já fui vidraça a vida inteira porque contra mim teve, possivelmente, o maior preconceito já estabelecido na política nacional e eu enfrentei essa situação e vou enfrentar. E vamos enfrentar fazendo coisas, e eu quero comparar o nosso governo com o os outros governos. Eu não vou partir do zero, eu quero, em um processo eleitoral, comparar, sobretudo na Bahia. Eu vou lhe dizer algumas coisas importantes. Mário, na Bahia, só para você ter idéia, o Bolsa Família atende 993 mil famílias. Nós passamos para a Bahia uma quantia anual de mais de 800 milhões de reais, com o Bolsa Família. Na Bahia, Mário, o Pronaf, que tinha historicamente 87 mil contratos e um repasse do governo federal de 111 milhões, agora tem 129 mil contratos com o repasse de 365 milhões de reais/ano. Você sabe o que significa, para a agricultura familiar, o estado da Bahia.

O programa Luz para Todos, que eu tive o prazer de ir à Vitória da Conquista fazer uma inauguração, está atendendo, na Bahia, 257 mil pessoas com 51 mil ligações. Na questão da educação, este ano nós colocamos quase 10 mil novos alunos nas universidades da Bahia por conta do ProUni, além do que eu vou lhe convidar para ir comigo ao Recôncavo Baiano inaugurar o lançamento da universidade do Recôncavo Baiano, mais uma universidade federal que será muito importante. Além da universidade, nós vamos fazer mais dois campi, um em Vitória da Conquista e outro em Barreiras para que a gente consiga interiorizar as universidades brasileiras que estão, normalmente, nas capitais. Então, nós vamos fazer essa campanha, se eu for candidato ou não for candidato, estarei em campanha porque eu vou ajudar um companheiro. É verdade que o PT passa por momentos críticos, mas é verdade que a prévia do



PT demonstrou que o PT tem muito vigor porque quando todo mundo imaginava que o PT estava morto, compareceram 320 mil filiados para escolher a nova direção do Partido, em uma demonstração de vigor que poucas vezes foi dada na história política do Brasil. E é muito importante que aconteçam essas coisas com o PT enquanto o PT é novo. O PT só tem 25 anos de vida e, nessa idade, você sabe que entre 18 e 25 anos nós cometemos muitos erros para que a gente amadureça quando estiver com 30 anos, ou seja, isso vai servir de aprendizado para nós. Aqueles que cometeram erros, pagarão, e já estão pagando o preço, mas o PT é muito grande, o PT está espreado por este território nacional como nunca um partido esteve, nos mais diferentes e nos mais longínquos lugares em que você for, você vai encontrar alguém com a bandeira do PT. Isso, durante a campanha, renasce com um vigor enorme e renasce para defender as políticas que o governo está fazendo.

Quando eu participei ontem do ato do biodiesel, Mário, eu dizia o seguinte: daqui a dez anos, todos nós vamos estar vivos, se Deus quiser, ou daqui a 15 anos, e nós vamos poder discutir o que significou o Programa do Biodiesel para o Brasil. O Programa do Biodiesel para o Brasil, terá um efeito multiplicador igual ou maior do que tem o Pró-Álcool, hoje. O Pró-Álcool, que estava falido há alguns anos, o Pró-Álcool que estava desacreditado e nós recuperamos e discutimos junto com a indústria automobilística – governo, indústria automobilística e os sindicatos – a retomada da produção de carro a álcool. E este ano 65% dos carros vendidos pela indústria brasileira, no mercado interno, foram flex-fuel, em uma demonstração de que o álcool virou, definitivamente, uma matriz energética alternativa para o Brasil, que o biodiesel será para o mundo. E poucos países do mundo terão condições de competir com o Brasil, porque Deus nos deu sol, terra, água e gente boa para trabalhar. E com o Programa, tal como está feito, dando um privilégio aos produtores do Norte do país e aos produtores do Nordeste, sobretudo os da palma e da mamona, mas ele certamente vai se estender para a soja, na medida em que



vai crescendo o mercado, na medida em que nós precisarmos de mais produção. E aí nós vamos resolver um outro problema futuro, que é a tal da soja transgênica, que tanta polêmica deu, porque grande parte dela vai ser utilizada para fazer biodiesel. E aí, veja o que vai acontecer de interessante no Brasil: os produtores terão uma arma extraordinária de negociação se o mundo comprador de soja oferecer um preço muito baixo, certamente os produtores vão dizer: “bom, nós vamos produzir biodiesel”. Então eles vão ter que melhorar o preço. Isso, num futuro, que eu estou dizendo, em 10 anos, porque nós estamos começando com 2% de biodiesel no óleo diesel, depois vamos chegar a 5%. Está previsto para 2013, e ontem eu fiz um desafio ao ministro Miguel Rossetto, que nós vamos superar as metas, nós vamos... essas metas vão ser todas ultrapassadas, porque não vai demorar muito nós vamos ter carro a biodiesel no Brasil, poluindo menos, gerando empregos.

Eu fui a Floriano, no Piauí, inaugurar uma fábrica de biodiesel. Para 40 trabalhadores que trabalham na Fábrica de transesterificação, ou seja, que define a qualidade do biodiesel, que refina, para cada trabalhador que trabalha nesta fábrica, precisa de 1000 trabalhadores no campo. Já temos 70 mil trabalhadores no campo e se Deus quiser no final do ano que vem, nós termos 350 mil trabalhadores trabalhando a questão do biodiesel. O que será uma revolução energética.

Na conversa que eu tive com o presidente Bush, eu disse ao presidente Bush: Presidente, os Estados Unidos produzirem etanol de milho, não é possível, porque custa quase três vezes mais o custo do etanol de cana-de-açúcar. Produzir biodiesel na Europa, de beterraba. Ora, vamos produzir, vamos fazer parcerias com as empresas brasileiras e vamos encher o Nordeste brasileiro, o semi-árido sobretudo, que é a parte mais pobre do Brasil, de fábricas, para produzir biodiesel, de plantadores de mamona, para que a gente possa fazer com que o nosso querido Nordeste, que é a parte mais pobre do Brasil, possa ser tratado para chegar às condições das regiões mais ricas do



Brasil.

Quando isso ganhar a dimensão que eu quero que ganhe, com os ônibus utilizando 20%, 25%, com carros a diesel, com o mundo comprando do Brasil, aí certamente o Centro-Oeste, o Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul, Goiás, Mato Grosso, vão produzir biodiesel como jamais algum país pensou em produzir. E aí, quem sabe, o mundo inteiro, por causa do protocolo de Quioto, seja obrigado a vir ao Brasil negociar o biodiesel e nós então iremos nos transformar num grande produtor de uma matriz energética renovável em que você não precisa cavar um buraco de 4 mil metros de profundidade, 2 mil de lâmina d'água e 2 mil na terra, você apenas com um metro e meio planta um pezinho de mamona estica a mão e colhe, manda para a máquina, mói, faz o óleo, faz o biodiesel e coloca o carro para funcionar. Essa é uma revolução brasileira e eu estou convencido que nos próximos dez ou 15 anos, todos nós estaremos orgulhosos de ver o Brasil ser o país ponta de lança na produção de biodiesel.

Então, são com essas armas que se eu tiver que ser candidato eu vou para uma eleição. Eu gosto de um debate, adoro um debate, gosto de polêmica e é bonito porque o povo vai se politizando, o povo vai ensinando a gente. É assim que eu penso meu querido Mário e vou sim disputar as eleições. Eu tenho dito: não tenho pressa. Os meus adversários é que têm pressa, aliás eles estão demonstrando um certo nervosismo por conta de 2006. Eu não estou porque eu acho que o povo brasileiro já foi generoso demais comigo. Quem saiu de Garanhuns com cinco anos de idade, cheguei onde cheguei, só posso agradecer todo dia a Deus.

Agora eu sei o que o povo deseja, eu sei o que o povo cobra de mim e eu quero terminar o meu mandato fazendo o máximo que um presidente da República pode fazer pelo seu povo.

Luís Fara Monteiro: 8h55. Nosso abraço a você em todo o Brasil que



acompanha a entrevista ao vivo do presidente Lula, direto do Palácio do Planalto. Presidente, da Bahia a gente vai para Pernambuco. Vamos ouvir o correspondente da Rádio Jornal do Comércio em Brasília, Romualdo de Souza. Bom dia, Romualdo.

Romualdo de Souza – Rádio Jornal do Comércio: Bom dia. Presidente, bom dia, tudo bem? Presidente, sabe que o senhor está ao vivo agora, na Super Manhã, o Geraldo Freire não pôde vir. O senhor sabe como é, sexta-feira, Recife, vai dar praia final de semana. O senhor acha que o Geraldo viria a Brasília? Ele preferiu ficar no Recife e depois vai repercutir esta entrevista. Mandou um abraço para o senhor, pediu para o senhor mandar um abraço para o povo de Pernambuco que está, certamente, acompanhando esta entrevista. Mas o meu tema, presidente Lula, é político. O deputado José Dirceu disse que quando era ministro da Casa Civil, ele trazia os problemas para o senhor e o senhor simplesmente pedia que ele resolvesse os problemas, que o senhor não ia resolver esses problemas. O que está acontecendo com o Lula que se empolgou para ser Presidente da República? Aquele Lula que lutava a vida inteira e que lutou a vida inteira para ser o Presidente da República? É o peso do cargo que fez com que o senhor se desinteressasse pelos problemas ou, na verdade, Presidente, o senhor está abatido, desinteressado? Até porque alguns dos seus auxiliares acabaram envolvendo o seu governo no chamado “esquema do mensalão”. O senhor está realmente desinteressado ou o senhor está empolgado e não está conseguindo passar essa empolgação de presidente, de Lula, que brigou para ser presidente da República, tantas vezes?

Presidente: Romualdo, primeiro, eu não li a entrevista do José Dirceu. Não li, então, fica muito difícil eu comentar uma entrevista porque... e se ele não disse isso. Eu vou responder uma coisa que ele não disse.



Romualdo de Souza – Rádio Jornal do Comércio: O senhor não leu?

Presidente: E eu tenho certeza que ele não disse. Eu tenho certeza porque o José Dirceu, como outros ministros, sabe que poucas vezes na história da República, aliás, poucas vezes não, não sei se em algum momento na história da República se trabalhou tanto neste país. Aqui, o expediente começa, quando começa tarde, às 9 da manhã, e quando termina cedo, termina às 10 ou 11 horas da noite. Vocês podem checar isso com os funcionários que trabalharam para tantos presidentes aí, e sabem meus assessores que eu penso que, quando eu viro as costas, eles ficam falando mal de mim porque eu sou extremamente exigente. Agora, não tomo nenhuma decisão precipitada.

Eu aprendi que o juízo de alguém que tem responsabilidade sempre conta até 10 para tomar uma posição, sempre pensa um pouco mais para não cometer erros na tomada de posição. E cada um de nós tem um estilo de trabalhar. Eu tenho um estilo de trabalhar que é público e conhecido porque vem desde 1975, quando eu estava à frente do Sindicato. E é um estilo que não tem muita diferença, tem diferença de grandeza, mas o comportamento de manter uma relação de lealdade com as pessoas que trabalham comigo, uma relação de transferência de confiança com essas pessoas sem, em nenhum momento, transferir responsabilidade, porque essa é minha. Quem teve voto foi o presidente da República e, portanto, essa responsabilidade é intransferível nos erros e nos acertos. Eu não sou daqueles que acham que só devo falar das coisas que me favorecem, não. O presidente da República também tem responsabilidade pelos erros. Mesmo que algum assessor do presidente da República tenha cometido um erro na divisa do Oiapoque com a Guiana Francesa, ainda assim a responsabilidade passa pelo presidente da República. E quando o presidente da República sabe, ele toma decisão, pune as pessoas. É esse o papel nosso, esse é o papel de um presidente da República. Eu



acredito piamente que nós estamos vivendo um momento em que as insinuações às vezes não têm respaldo no dia seguinte, mas vão ganhando corpo, e vão ganhando corpo e vão ganhando corpo. A CPI do Mensalão vai terminar e eles não vão provar mensalão. Entretanto, foi o mensalão que criou uma confusão generalizada no Brasil. E por que a CPI não vai provar mensalão? Porque é humanamente impossível você imaginar que, qualquer que seja um governo, e sobretudo no meu governo, você tenha que chamar deputado para dizer “olha, você tem que votar porque eu te dou tanto”. Aliás, o Congresso Nacional criou uma coisa democrática e saudável que são emendas parlamentares, que têm identidade, que quando você libera uma emenda parlamentar de 3 milhões de reais ou de 500 reais, você sabe qual é a ponte que vai ser feita, você sabe qual é a estrada que vai ser feita. Isso é um instrumento criado pelo Congresso Nacional. Então, eu penso que este momento político deve servir de reflexão para nós. Todos nós, aqui, vocês como jornalistas devem ler pelo menos 10 jornais por dia, 10 revistas, e é importante que a gente leia, leia, leia, leia, e a gente vai fazendo avaliação para ver quem está querendo apurar, quem está falando coisa séria, quem está contando mentira, quem está apenas querendo fazer política, porque nós temos que ter a capacidade de interpretar aquilo que a gente lê e não acreditar, *a priori*, naquilo que a gente lê. E há um embate político que nós vamos fazer, e não vai terminar agora, não vai ser a primeira vez, não será a segunda, mas eu acho que tem muita gente tratando apenas de tentar transformar toda e qualquer coisa em uma questão eleitoral, coisa que não é saudável.

Eu queria dizer, por fim, meu caro Romualdo, você que é de Pernambuco, que o Geraldo não veio aqui porque ele deu furo, porque o Geraldo de vez em quando vem aqui com um gravadorzinho na mão e ele já fala bom dia com o gravador ligado, e ele deu o furo da refinaria em Pernambuco. O Nordeste brasileiro – e isso eu acho importante em uma pergunta de Pernambuco, falar isso – vai ter, no meu governo, coisas



estruturantes que, se tivesse tido há 20 anos, o Nordeste já teria mudado. Nós vamos ter uma refinaria no Nordeste, coisa que a Petrobras tinha a disposição de não fazer porque estava reformando a refinaria do Rio Grande do Sul, estava reformando a refinaria de Duque de Caxias, estava fazendo ampliação na refinaria de Paulínia. E nós decidimos que íamos fazer uma refinaria no Nordeste porque o Nordeste precisava de mais uma.

Nós definimos fazer a Transnordestina, um sonho antigo, que vai ligar o porto de Suape ao porto de Pecém, que vai ligar o porto de Pecém e o porto do Suape a Eliseu Martins, no Piauí, para escoar a soja, que vai escoar o gesso e que vai permitir que o Nordeste tenha a oportunidade de se desenvolver.

O Nordeste vai ter uma siderúrgica em Fortaleza. No começo do ano começaremos o Gasene, que vai levar o gás do Sudeste do Brasil para o Nordeste brasileiro para que a gente não tenha problema de apagão. Vai ter o projeto São Francisco. Então, nós vamos dar... Além das universidades que estamos fazendo no Nordeste, já tive oportunidade de ir a Garanhuns, a Caruaru inaugurar universidade, lançar universidades novas tirando braços da Universidade Federal para levar para o interior do país. E a BR 101 que, se Deus quiser, ainda em dezembro, vamos ao estado de Pernambuco, ao estado da Paraíba e ao estado do Rio Grande do Norte. Era para termos começado em março, Romualdo, não começamos em março porque teve um problema com o Tribunal de Contas, tivemos que refazer cálculos, depois tivemos a licitação, algumas empresas entraram na justiça com liminar. E todo mundo sabe o que é isso numa licitação, uma empresa brigando com outra empresa. Como a briga estava se arrastando demais, nós tomamos a decisão e esta semana, nesta mesa em que vocês estão hoje, nós trouxemos aqui o ministro da Defesa, o ministro dos Transportes, o Exército brasileiro e vamos começar a fazer um trecho no Rio Grande do Norte, um trecho em Pernambuco e um trecho na Paraíba, com o Batalhão de Engenharia do Exército brasileiro para que essa obra ande definitivamente.



E todo mundo sabe o significado da BR-101, tanto a BR do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, que vai de Osório a Palhoça, que também já tinha sido prometido há 500 anos e que agora está acontecendo de verdade. E a BR-101 Nordeste que é, quem sabe, uma coisa extraordinária, ligando o Rio Grande do Norte à Bahia, para que o povo que venha visitar o Nordeste brasileiro possa transitar de carro numa pista moderna, duplicada, aumentando a possibilidade de geração de riqueza.

É isso que nós estamos fazendo. As divergências nós vamos resolver também. Aliás, eu, em toda a minha vida, eu duvido que tenha alguém mais democrático que eu. Agora, eu gosto de tencionar as disputas, porque toda vez... eu nunca ouvi um único economista na minha vida, nunca. Quando eu não estava na Presidência, eu, nos últimos dez anos, antes de chegar à Presidência, me reunia todo mês com pelo menos 30 economistas. Quando eu precisava de um assessor que eu chamava para me dizer uma coisa, eu chamava outro que pensava um pouco diferente dele para ver se tinha um denominador comum que me permitisse não ouvir apenas uma voz, mas ouvir duas, se possível três, para poder tomar as decisões corretas. É assim que eu sou e aos 60 anos de idade, ao invés de mudar, eu quero aperfeiçoar esse modo de ser que aprendemos com a vida.

Luís Fara Monteiro: Nove horas e dez minutos. Voltamos a falar, ao vivo, direto do Palácio do Planalto. Vamos ouvir, agora, a pergunta do jornalista Fábio Marçal, da Rádio Guaíba, correspondente dos jornais Bom Dia e Jornal da Manhã. Fábio.

Fábio Marçal – Rádio Guaíba: Bom dia, Presidente. Bom dia, ouvintes, especialmente os ouvintes da Rádio Guaíba. Presidente, mais uma pergunta política. O líder do PFL na Câmara, Rodrigo Maia, chegou, de uma forma grosseira, a comparar o senhor ao Pinóquio, pois em entrevista ao Programa



Roda Viva o senhor defendeu os trabalhos da CPI e as investigações das denúncias contra integrantes do seu governo. Mas o que se vê é a base aliada do governo brigando para não prorrogar os trabalhos das CPMI. A CPMI do Mensalão terminou de forma melancólica. Os seus líderes no Congresso não estão seguindo as suas orientações, e quais as suas prioridades no Congresso em 2006?

Presidente: Vamos por etapas, para a nossa Rádio Guaíba e para o torcedor do Internacional. Vamos dizer o seguinte: não existe momento histórico em que o governo cria CPI. A CPI é um instrumento de oposição e nós tentamos utilizá-lo, muitas vezes, quando éramos oposição. O que nós entendemos é que a CPI dos Correios poderia ser adiada por mais um mês, até dezembro, até sei lá. Ora, quando se pede o adiamento até abril, no nosso entendimento tem um componente político muito forte, já dito pelos nossos adversários. O que disseram os nossos adversários do PFL e do PSDB? Que eles querem fazer o governo sangrar até as eleições. Então, o adiamento é visto por nós como a tentativa de se arrastar 2006 discutindo CPI, quando o próprio Presidente acha que mais um mês poderia resolver o problema de ter os relatórios prontos. De qualquer forma, a disputa do Congresso Nacional é uma disputa no Congresso Nacional em que o governo tem poucas possibilidades de influir na decisão, sobretudo quando se trata de CPI. Vamos deixar eles fazerem o que quiserem fazer, que apurem e que mostrem para a sociedade o resultado. Por que o que faz uma CPI? Ela apura, depois ela manda para o Ministério Público, que faz as investigações junto com a Polícia Federal, e manda para o Poder Judiciário julgar. É esse o papel. O que eu desejo, na verdade, é que apure com rigor tudo que eles já falaram publicamente porque, se não apurarem, o que vai acontecer? Vai redundar no que aconteceu na CPI do Mensalão. Vão chegar à conclusão de que não teve mensalão, mas na cabeça do povo brasileiro já existe a idéia do mensalão. É uma palavra fácil, é uma palavra que todo mundo



fala com muita facilidade e está na cabeça do povo. Agora, eu quero é ver quem pôs, tirar da cabeça do povo que não tem mensalão. Então, uma CPI não pode terminar sem que preste contas à sociedade do trabalho para o qual foi criada. Este é o desejo do Presidente da República, e o desejo é que os deputados trabalhem com muito carinho nisso.

Os projetos importantes que nós temos para o próximo ano, eu gostaria que fosse este ano ainda, porque o ano que vem é ano eleitoral. E em ano eleitoral todo mundo sabe que, o Brasil, depois de junho, quando começa a campanha, fica mais ou menos paralisado do ponto de vista da votação de projetos, porque tem muita gente do Congresso que é candidato a alguma coisa. Mas nós temos projetos importantes, eu vou começar pelo primeiro, o projeto do Fundeb, que vai colocar na educação brasileira mais quatro bilhões e 300 milhões do governo federal, para que possamos atender o ensino fundamental e o ensino técnico, para que possamos fazer com que os estados mais pobres do Brasil tenham, pela primeira vez, a oportunidade de, na área da educação, se equiparar aos estados mais desenvolvidos do Brasil. Eu espero, então, que o Congresso Nacional vote o Fundeb.

O Estatuto da Pequena e Micro Empresa, que se chama Lei Geral da Micro e Pequena Empresa, que é extremamente importante para o Brasil, tanto na redução dos impostos que nós precisamos fazer, como para facilitar que as empresas sejam criadas. Nós estamos com um Projeto de Lei que foi fundido com o Estatuto Geral da Pequena e Micro Empresa, o Pré-Empresa, que é para dar condições ao cidadão ou à cidadã que mora em Porto Alegre, que mora em Passo Fundo, que mora em Alegrete, que mora em Salvador, que mora em Pernambuco, que mora em Belo Horizonte, que esse cidadão possa, com muita facilidade, legalizar a sua situação e não ser mais perseguido pelos fiscais das prefeituras como se fosse bandido. Eu quero que seja aprovado esse projeto e estou torcendo para que o Congresso possa votar.

Gostaria, imensamente, que o Congresso votasse alguma coisa na



reforma eleitoral, na legislação política, para que a gente pudesse ter partidos mais fortes, que pudessemos acabar com contribuição da iniciativa privada, que o fundo fosse público. Gostaria que tivéssemos fidelidade partidária, gostaria que o Congresso votasse, não sei se vai ser possível votar.

Gostaria que o Congresso, hoje, votasse a Medida Provisória 258, da Super Receita que é, possivelmente, a coisa mais moralizante na arrecadação brasileira. Espero que o Congresso vote.

Além disso, nós temos o projeto de desenvolvimento da Amazônia, temos um projeto que regulamenta o futebol no país, para tentar transformar os clubes de futebol em algo mais profissional e não ficarem todos como estão hoje aí, praticamente endividados, sem poder pagar salário, sem poder recolher Previdência. Então, são projetos extremamente importantes que eu gostaria que fossem aprovados.

O presidente Aldo e o presidente Renan, que almoçaram comigo ontem, estão com a disposição de definir, junto ao governo, as prioridades do governo para ver se a gente consegue votar até o final do ano esses projetos mais importantes para o país, para começarmos o ano com coisa muito nova no Brasil, como foi a Medida 255, a chamada Medida do Bem, que foi aprovada e vai ser um benefício para incentivarmos novos investimentos no Brasil, para facilitar as empresas brasileiras que já estão investindo. E eu estou certo de que o Congresso Nacional vai dar essa colaboração.

O fato de perder as coisas no Congresso de vez em quando, faz parte da democracia, meu caro. O Congresso Nacional, por mais que a gente tenha discordância em alguns assuntos, é o que demonstra a essência da democracia no Brasil. A diversidade cultural e social do país está representada dentro do Congresso Nacional e nós, ao invés de acharmos ruim quando perdemos alguma coisa, temos que dizer: graças a Deus este país tem Congresso, porque o que não tem vive uma democracia mais capenga do que a nossa.



Fábio Marçal – Rádio Guaíba: Presidente, falando em Congresso, apenas uma pergunta. O senhor é a favor da Constituinte exclusiva para 2007? Uma Constituinte, um Congresso Constituinte?

Presidente: Eu não sei se nós deveremos priorizar um debate sobre uma Constituinte. Nós acabamos de fazer uma Constituição, ela tem 15 anos. Eu acho melhor nós aperfeiçoarmos essa Constituição, fazer as mudanças que poderão aprimorá-la e aperfeiçoá-la e não tentar fazer outra vez uma nova Constituinte. Acho que não há espaço para isso.

Luís Fara Monteiro: Presidente, vamos ouvir agora a Leid Carvalho, correspondente da Rádio Itatiaia de Minas Gerais em Brasília. Leid

Leid Carvalho – Rádio Itatiaia de Minas Gerais: Bom dia presidente, bom dia colegas, bom dia ouvintes da Rádio Itatiaia e das demais rádios também que participam.

Presidente, a minha pergunta foi sugerida pelo meu diretor de jornalismo e trata da questão da segurança pública. Só para ilustrar, a situação de contagem, um Juiz determinou a soltura de presos, o Tribunal de Justiça determinou o contrário, os presos foram soltos e agora precisam ser recapturados. Agora a falta de segurança pública não é um privilégio de Minas Gerais, não é Presidente? O que ocorre com os recursos da segurança pública? Porque as parcelas do Fundo Nacional de Segurança Pública não são liberadas e quando ocorre a liberação é com muito atraso, com até um ano, por exemplo.

O governador Aécio Neves já esteve aqui, reunido com o Ministro da Justiça algumas vezes, mas a gente sabe que o Ministro da Justiça não é o dono do cofre. Para contextualizar, Presidente, uma entrevista do ex-presidente



Fernando Henrique, que está sendo divulgada hoje, ele critica a ultra-ortodoxia do PT. Ele diz que o Brasil paga o preço pela demagogia do PT na oposição. As bravatas de então levaram o PT no governo a ser ultra-ortodoxo na condução da política econômica. A política fiscal foi apertada a ponto de praticamente eliminar o investimento público federal e comprometer serviços fundamentais, a exemplo da vigilância sanitária, como agora se vê o ressurgimento de focos da febre aftosa e eu associo à questão da segurança pública em Minas Gerais também.

Segundo o ex-presidente Fernando Henrique, a dose de juros tem sido cavalgar, ao mesmo tempo em que reduz investimento, aumenta o gasto financeiro, uma combinação ruim para o crescimento. Eu estou citando o ex-presidente Fernando Henrique, presidente Lula, mas no Congresso eu já ouvi diversos petistas dizerem a mesma coisa, criticarem essa política econômica, o superávit fiscal elevado, que compromete serviços básicos.

Presidente: Primeiro, Leid, bom dia. Bom dia aos ouvintes da Itatiaia, bom dia ao povo de Minas Gerais. Eu não vou fazer comentário sobre a política do presidente Fernando Henrique, sobre a entrevista do presidente Fernando Henrique Cardoso, porque contra ele existem os números de oito anos de mandato dele, e os números de 36 meses meus. E os números falam por si só. Eu, se fosse pegar a questão dos juros que você citou, a média de juros dele foi o dobro da média de juros no meu governo em 36 meses. Enquanto no governo dele se criou apenas 8 mil empregos por mês, empregos positivos – a diferença entre os demitidos e os contratados –, o saldo positivo dele foi de apenas 8 mil por mês. Neste mês de setembro, com 35 meses de governo, nós estamos completando uma média mensal de 108 mil empregos com carteira profissional assinada. O superávit na balança comercial no governo dele era de apenas 13 bilhões de reais, o nosso é de 41 bilhões de dólares. Então, não existe comparação e eu fico satisfeito que, não sendo presidente, ele pensa de



forma mais progressista do que quando exerceu o mandato. Na questão da segurança pública, habitualmente nós temos no Brasil uma transferência de responsabilidade na questão da segurança pública. A segurança pública é 99,9% de responsabilidade dos governos estaduais. O governo federal tem responsabilidade pela coordenação da Polícia Federal, pelo combate ao... de cuidar das nossas fronteiras para evitar o contrabando de armas, o contrabando de drogas, e nós criamos o SUSP, que é um sistema de segurança pública unificado, ou seja, em todos os estados já foram montadas as parcerias com o governo federal e é verdade que nós não estamos passando a quantidade de dinheiro que deveríamos passar, mas não é esse dinheiro que está fazendo falta para a segurança pública nos estados.

Eu penso que cada governador antes de, com muita facilidade, dizer que o governo federal tem responsabilidade, deveria dizer o que ele está fazendo, porque no Brasil tem muita facilidade para a transferência de responsabilidade: é o prefeito que culpa o governador, o governador que culpa o presidente, e o presidente não tem a quem culpar. “Ah, teve um problema de enchente? É o governo federal. Teve um problema de seca? É o governo federal. Teve um problema de clima? É o governo federal”. É preciso que cada ente federativo assuma a responsabilidade pela sua parte.

O único estado que pediu a interferência do governo federal para resolver o problema da segurança pública foi o estado do Espírito Santo, e o governo federal foi lá e, junto com o governador, resolvemos o problema do crime organizado no Espírito Santo. Outros estados não pediram a intervenção do governo federal porque, se pedirem, nós mandamos para lá. Nós temos uma polícia pública nacional, que são policiais de vários estados treinados pelo governo federal para ter ações especiais nos estados, nós temos a Polícia Federal. Se o governador Aécio Neves ou outro governador qualquer quiser que a União interfira junto com eles – nós não queremos mandar na polícia do estado, não – a gente vai interferir. Ontem, por exemplo, eu tive uma reunião



aqui com a Comissão de Direitos Humanos de Pernambuco, de uma região que tem muita violência, esteve aqui o Secretário da Justiça do governador Jarbas Vasconcelos, esteve aqui o Procurador de Justiça do estado, e a decisão nossa foi de que vamos combinar com o governador Jarbas Vasconcelos uma atuação conjunta do governo federal e do governo estadual para a gente enfrentar o crime organizado no estado de Pernambuco. Contagem tem um problema grave? Tem, e o governador Aécio, que deve estar em Brasília, precisa conversar com o governo federal para que o governo federal, através do Ministério da Justiça, da Polícia Federal, do Secretário de Segurança Nacional, ajude a resolver o problema. Pode ficar certo que nós estamos com a disposição 100% para mandar pessoas para Minas Gerais, para mandar especialistas, para mandar a inteligência, e o dinheiro, quando nós tivermos para mandar, certamente mandaremos.

Eu até vou ver qual é a diferença que falta dar para Minas Gerais, que não deve ser muito não, eu acho que o governador Aécio Neves tem sido um governador com comportamento exemplar na relação com o governo federal, tem sido um homem extremamente civilizado na relação com o governo federal. Se ele precisar que o governo federal ajude a resolver o problema da segurança de Minas Gerais, ele contará com o apoio total do governo federal e certamente nós iremos lá quando for preciso.

Aliás, já tivemos uma experiência dessa quando entrou em greve a polícia militar de Minas Gerais. Quando Leid, você entrevistar o Aécio, pergunte para ele, em 24 horas o Exército brasileiro chegou a Belo Horizonte para fazer a intervenção que ele pediu. Agora, nós estamos prontos para colaborar e para ajudar, nós só não podemos fazer aquilo que é o papel do estado.

Leid Carvalho – Radio Itatiaia de Minas Gerais: Mas ao invés de liberar os recursos do Fundo Nacional de Segurança Pública, o senhor sugere uma intervenção Presidente, em Minas Gerais?



Presidente: Não. Eu sugiro colaboração do governo federal para ajudar a resolver o problema de segurança dos estados. Eu não posso ficar citando muitos governadores, mas eu posso dizer que todos aqueles, e eu citei o Espírito Santo como exemplo. Nós tínhamos um problema do crime organizado no Espírito Santo que era um atentado ao Estado brasileiro. Quando o governador Paulo Hartung pediu ao Ministro da Justiça que intercedesse junto com ele, nós ficamos alguns meses lá e resolvemos um problema. A começar do presidente da Assembléia Legislativa do estado que era o chefe do crime organizado.

Então, o que eu proponho é o seguinte: mesmo que não exista dinheiro, nós temos homens, nós temos inteligência e nós temos disposição política. Não vamos fazer da ausência dos recursos todos de que nós precisamos, uma desculpa para a gente não fazer o que precisa ser feito. É apenas isso.

Como o governador Aécio deve se encontrar comigo na segunda-feira, eu vou tocar neste assunto com ele, vou lembrar da sua pergunta e vou dizer para ele. Eu acho grave um juiz liberar presos por excesso de gente na cadeia, acho ruim porque essa não é a melhor solução. Então, vamos ver o que precisa ser feito em Minas Gerais porque esse caso de Contagem é um caso que não pode ser exemplar para outros estados. Nós temos que aproveitar a lição do que aconteceu em Contagem e tentar, a partir daí, fazer uma discussão para evitar que aconteça, senão daqui a pouco nós teremos muitos presos soltos por excesso de gente na cadeia.

Luís Fara Monteiro: São nove horas e trinta e dois minutos. Havia previsão de encerrarmos esta entrevista às nove e meia. O presidente Lula quer conversar um pouco mais com os radialistas. Vamos fazer um rápido pingue pongue para dar tempo de todos participarem novamente. Vamos voltar, então, ao correspondente Wilson Ibiapina, da Rede Verdes Mares, do Ceará.



Wilson Ibiapina – Rede Verdes Mares: Presidente, o seu conterrâneo, Nelson Rodrigues, chamava de “turistas do Vesúvio” os políticos que esticavam a corda da crise, e ninguém fez isso melhor ou pior do que a UDN. Presidente, hoje em dia, os “turistas do Vesúvio” estão na oposição ou no seu próprio Partido?

Presidente: Eu acredito que estão na oposição. Pessoas que... obviamente que tem gente séria, que quer apurar, e tem gente que quer esticar a corda porque tem gente que defende a teoria do “quanto pior, melhor”. Tem gente que não se contenta em ver o Brasil dar certo.

Luís Fara Monteiro: Vamos ouvir então, agora, Patrick Motta, da Rede Amazônica. Patrick.

Patrick Motta – Rede Amazônica: Presidente, dois assuntos regionais, lá do Amazonas, o gás de urucu, que quando o senhor esteve lá, e o senhor conhece muito bem a importância desse gás de urucu, gasoduto, ele deu uma parada seis meses, a Petrobrás ainda não conseguiu fazer licitação, os tubos estão lá no local, as clareiras já foram abertas pelo Exército, mas a obra não andou. Depois que o senhor saiu de lá, andou, mas depois parou. Este é um assunto, e se o senhor vai cumprir com a sua promessa de ir lá dar solda que todos estão aguardando? O outro assunto é a BR-319, que ontem, felizmente, caiu a liminar que impedia esse assunto, e agora a gente espera que isso siga adiante, o que o senhor tem também a dizer sobre essa importante rodovia, não só para o Amazonas, mas que liga fisicamente dois estados, Amazonas e Rondônia, ao resto do país também?

Presidente: Três coisas importantes sobre o estado do Amazonas. Primeiro, a



minha decisão, logo no começo do mandato, de prorrogar a Zona Franca de Manaus de 2013 para 2023. Isso possibilitou um incentivo extraordinário porque hoje a indústria de Manaus é a indústria que mais cresce no Brasil, desenvolvendo aquela região, e tem gente que ainda é contra. E só é contra quem não conhece Manaus e não conhece os benefícios daquelas indústrias, que estavam com pouco mais de 50 mil trabalhadores e hoje estão com mais de 100 mil trabalhadores. Segundo, o Gasoduto Quari-Manaus. Todo mundo que ele será a mola propulsora para uma definitiva consolidação da industrialização do estado do Amazonas. E a BR-319, que agora terminou a liminar – vamos ver se tem outra, porque liminar é o que não falta no Brasil – para a gente poder acertar entre o Ministério dos Transportes e o Ministério do Meio Ambiente, e fazemos isso. O Gasoduto Quari-Manaus teve um problema, eu chamei o presidente da Petrobrás aqui, faz mais ou menos oito dias, junto com o ministro Silas, das Minas e Energia, junto com a ministra Dilma, ligamos para o governador, e a informação que eu tenho, tanto da Petrobras quanto do Ministro, é de que está tudo resolvido para a gente ir lá, falta marcar uma data para ir lá dar o ponto de solda, e eu quero ver se vou ainda este ano dar o ponto de solda. Se este ano, por qualquer problema, não der, pode ficar certo que, no mais tardar em janeiro, estaremos lá dando o ponto de solda porque o estado do Amazonas precisa desse gás. A região Norte do Brasil precisa desse gás.

Patrick Motta – Rede Amazônica: Presidente, rapidamente, por favor, o senhor disse que ...

Presidente: Veja, caiu a liminar, tem uma divergência entre o Ministério dos Transportes e a ministra Marina, e na próxima semana estaremos em uma mesa aqui, junto com os dois para decidir fazer, porque o Ministro dos Transportes acha que é extremamente importante a estrada ligando Manaus a



Porto Velho.

Luís Fara Monteiro: Vamos ouvir agora Klécio Santos, da Rádio Gaúcha.

Klécio Santos – Rádio Gaúcha: Presidente, na última entrevista o senhor disse que a Câmara está condenada a cassar José Dirceu. Essa afirmação não prejudica a defesa do seu ex-ministro, que se empenha, neste momento, em garimpar votos contra a cassação, entre os deputados? E eu queria que o senhor também comentasse como é que o senhor vê as denúncias envolvendo os seus familiares, filho e seu irmão?

Presidente: Eu não acredito que a minha denúncia tenha... que a minha fala tenha prejudicado o José Dirceu. Eu leio pelo menos seis jornais por dia, leio três revistas, ouço noticiário, e o que eu tenho visto são as pessoas condenarem, *a priori*, o José Dirceu. Eu tenho visto as pessoas dizerem que o José Dirceu vai ter que ser punido, que não tem como ficar lá. E eu fico me perguntando qual o crime que José Dirceu cometeu? Porque, até agora, se você colocar todas as denúncias contra o José Dirceu em uma prensa, apertar, não vai sair uma gota, porque não tem. Você viu que eu fiz a pergunta no Roda Viva a um jornalista “qual é a acusação contra o José Dirceu?” Ele não sabia. Até porque, quem o acusou, foi cassado, porque mentiu ao Congresso Nacional. Com relação à minha família, veja, a minha família não está livre de ser acusada, como nunca esteve livre a família de qualquer presidente da República. Agora, eu penso que vocês, como pessoas inteligentes, leram as matérias e devem ter chegado à conclusão de não existe nenhuma base para terem publicado e acusado pessoas sem nenhuma prova, sem nenhum cabimento, apenas porque, de vez em quando isso faz parte da política nacional. Então, se alguém levanta uma dúvida contra um membro do meu governo, um membro da minha família, não basta levantar a dúvida, precisa



provar para que ele pague tanto quanto qualquer brasileiro que cometa erro ter que pagar neste país.

Luis Fara Monteiro: Santino Soares, da Rádio Liberal do Pará.

Santino Soares – Rádio Liberal: Presidente, quando o senhor citou as obras que o governo está fazendo no Nordeste, eu, aqui do Norte da Amazônia fiquei com uma inveja, um dor de cotovelo. Eu queria perguntar ao senhor: esta obra da 319 não é concorrente da BR-163? Fazer as duas obras, faz a do Amazonas, mas não completa a do estado do Pará. E o Fundo de Desenvolvimento da Amazônia tem, para este ano, 500 milhões que ainda não foram usados, tem 600 milhões para o ano de 2006. Esse dinheiro não poderia ser usado para essas obras de infra-estrutura no estado do Pará?

Presidente: Deixa eu lhe dizer uma coisa, meu querido Santino, o problema não é de dinheiro no Pará. Eu acabei de dizer o seguinte: a questão da eclusa, o dinheiro estava no PPI, o dinheiro estava colocado no PPI. Teve um problema por conta da empresa ter aumentado o preço de 400 para 600 milhões. E eu me dei conta disso no debate que houve no Congresso Nacional, quando a senadora Ana Júlia e o senador Flecha Ribeiro perguntaram ao Palocci. Na próxima semana nós vamos tentar resolver esse problema. Segundo, as duas estradas não são incompatíveis, porque a região Norte do país... seria importante que o Brasil inteiro conhecesse a dimensão do que nós estamos falando, para saber que qualquer estrada que a gente fizer naquela região, sempre vai precisar de mais uma. E, sobretudo, no Pará, que é um estado que tem crescido muito. Eu vou lhe dar um dado: eu estive, há uns dez dias, com o Presidente da Vale do Rio Doce. Ele tem dez projetos para que eu vá ao estado do Pará fazer o lançamento do projeto, tal a quantidade de riqueza que tem aquele estado. E nós queremos combinar, não apenas o



estado do Pará, enquanto o estado exportador de matéria-prima, mas nós queremos trabalhar para que o Pará se transforme num estado exportador de produtos com mais valor agregado. Ajudar a industrializar o estado, ajudar para que a reforma agrária se dê da forma mais pacífica lá, porque o Pará é um estado de muita importância dentro do território nacional e muito importante para o Brasil, sobretudo pela quantidade de riqueza que tem e, sobretudo, porque só não gosta do Pará quem não conhece o povo do Pará. É um povo extraordinário.

Luis Fara Monteiro: Falamos ao vivo do Palácio do Planalto com a entrevista coletiva do presidente Lula às emissoras de rádio. Sandes Júnior, da Rádio Terra FM de Goiânia e da Rádio 730 AM de Goiás.

Sandes Júnior – Rádio Terra FM: Bom, eu só queria agradecer aos jornalistas Altair, da 730; o Ivan Mendonça e o Jarbas de dois jornais de Goiânia, o Popular e Diário da Manhã; e o Carlinhos, da Terra, que colaboraram com as perguntas, mas não vai dar tempo de fazer todas.

Presidente, eu vou colaborar com o senhor no sentido do senhor dar uma resposta bem clara ao que saiu já, *on line*, para todo o Brasil. O senhor falou que gostava do debate. E num determinado momento o senhor disse, ao invés de falar: “eu vou para o debate, eu vou para a disputa”. Aí está todo mundo já anunciado que o senhor vai ser candidato à reeleição. O senhor quis falar: eu vou para o debate. E disse: eu vou para a disputa. Afinal, o senhor vai para o debate, vai para a disputa ou vai para os dois?

Presidente: Sandes, a minha convicção era que eu tinha dito: “se for para a disputa”. A minha convicção numa pergunta do Mário Kertész. Essa foi a minha convicção. Se ao invés de dizer, “se for para a disputa”, eu disse “eu vou para a disputa”, eu cometi um lapso.



Sandes Júnior – Rádio Terra FM: Mas foi sem querer.

Presidente: Foi sem querer, porque eu poderia dizer ontem que eu sou candidato, antes de ontem. Eu não vou dizer por quê? Porque não decidi se sou candidato. Apenas isso. Não decidi. Não tenho pressa de decidir. E vou repetir: se eu for para a disputa, vou para a disputa com a certeza de que o debate, da nossa parte, será no mais elevado nível, como sempre fizemos quando disputamos eleições. Mas eu quero te agradecer pela pergunta, se alguém que ouviu entendeu eu dizer: “eu vou para a disputa”, eu quero dizer que não foi isso que eu quis dizer. Eu quis dizer: se eu fosse para a disputa, porque não tenho nenhum interesse em decidir isso agora.

Sandes Júnior – Rádio Terra FM: Agora a pergunta é a seguinte: o metrô das médias cidades como Goiânia. Qual é o plano do seu governo para o financiamento desses metrôs que estão todos já prontos, elaborados, só falta o recurso do governo federal?

Presidente: Uma coisa grave no Brasil. Nós não podemos ficar prometendo os metrôs sem ter dinheiro para construir metrô. tem muita cidade querendo metrô, e nós temos prioridade com quatro metrôs que já estão há muito tempo com buracos feitos nas capitais, causando transtornos enormes em Salvador, em Recife, em Fortaleza e em Belo Horizonte. Com esses metrôs nós assumimos o compromisso de passar dinheiro e eu vou dar um exemplo: para Salvador são 296 milhões, e 100 milhões ainda este ano. A Medida Provisória já foi para o Congresso Nacional. Fortaleza, 374 milhões, Recife nós estamos negociando ainda, não foi definido o acordo, e Belo Horizonte foi o primeiro que nós acordamos porque é preciso que os governos dos estados assumam, junto com os prefeitos, a administração do metrô, porque não tem sentido o governo



federal ficar administrando metrô nas capitais.

Eu estou indo a Salvador logo, logo, participar de uma grande manifestação junto com o Prefeito pela retomada das obras do metrô, estarei indo a Fortaleza, vou a Belo Horizonte e, se Deus quiser, vou a Recife. Quando estes estiverem prontos, Sandes, aí nós temos que pegar outras capitais. Eu sei que Goiânia é uma cidade que está na fila e fica mais fácil fazer o metrô enquanto ela está do tamanho que está, porque se deixar passar muitos e muitos anos e ela crescer muito, vai ficar muito mais caro fazer o metrô, mas eu, particularmente, não aconselho começar outro antes que a gente termine esses que já estão em andamento porque estão causando transtornos enormes nessas quatro capitais que eu citei agora, Sandes.

Luís Fara Monteiro: Quinze para as dez da manhã, vamos ouvir Mário Kertész, da Rádio Metrópole da Bahia. Mário.

Mário Kertész – Rádio Metrópole da Bahia: Presidente, continuando na política aí, que o senhor gosta do debate, é bom, dr. Freud até pode explicar esse lapso aí do senhor. Eu acredito que o senhor vai ser candidato mesmo porque não vejo nenhuma outra pessoa em condições, no PT, de disputar essa eleição, não sei. O Presidente que tem já a sua base bem sólida. Mas o que eu queria saber do senhor é o seguinte: eu me lembro que em uma determinada época, no Rio de Janeiro, tinha uma disputa muito grande para o governo do estado entre Sandra e Moreira Franco, tinha até uma publicidade, até muita gente dizia: nem Sandra nem Miro, vote em Moreira Franco do Brizola.

Em Salvador, na última eleição, também o PT chegou de um lado, PFL de outro, apareceu um azarão e ganhou a prefeitura. Então a pergunta é a seguinte: entre a disputa mais séria que será entre o PT e o PSDB, o senhor não tem medo que surja um azarão aí correndo por fora e ganhe a eleição não?



Presidente: Uma pessoa que ganha nunca será azarão, e nunca 1989 como exemplo, Mário. Em 1989 não estava prevista, em nenhum artigo de nenhum grande cientista político brasileiro, a possibilidade de eu ir para o segundo turno, porque disputei as eleições contra Ulysses Guimarães, contra Brizola, contra Aureliano Chaves, contra Mário Covas, todos grandes personalidades.

Quem foi para o segundo turno? Eu e o Collor, ou seja, duas figuras que não estavam contabilizadas com perspectiva. É plenamente possível que o povo diga: “olha, eu não quero fulano, eu não quero beltrano e vou escolher um novo”.

Quer que eu fale como um cidadão brasileiro? Eu peço a Deus que o povo escolha sempre o melhor, que possa fazer mais por eles. Eu estou convencido hoje, Mário, de que as coisas no Brasil estão andando e eu queria chamar a atenção de vocês para o seguinte: mesmo quando vocês estiverem criticando o governo, e eu acho que a crítica é saudável, analisem o que está acontecendo no Brasil, do ponto de vista da geração de empregos, do ponto de vista de políticas sociais com a transferência de renda, através do Bolsa Família, com a política educacional brasileira. O ProUni, que foi uma criação do ministro Tarso Genro, é uma revolução neste país. Na primeira inscrição nós colocamos 112 mil jovens a mais na universidade, o que não estava previsto, gente da periferia, e com uma coisa agravante: eu tenho informações, hoje, que a menina que está na universidade, pelo ProUni, está se transformando nos melhores alunos.

Então, nós estamos com estabilidade econômica, com geração de emprego e com transferência de renda, através do Bolsa Família, com política social. Eu devo ir a Porto Alegre, devo ir a outras capitais lançar o ProJovem, que é outra revolução na educação. São 200 mil jovens da periferia inscritos, em parceria com os prefeitos. O prefeito Fogaça já me convidou para ir lá, o ministro Dulci também. Nós estamos pagando um salário, penso, de 120 reais,



estamos pagando uma ajuda para que esse jovem de 17 a 24 anos que tinha deixado de estudar volte a estudar, receba uma ajuda e faça um trabalho comunitário. Ontem, eu recebi uma informação de que os professores, na sala de aula, estão chorando e, em Pernambuco, o melhor aluno é um preso que sai para estudar e volta para a cadeia, está sendo o melhor aluno de todos que estão fazendo o ProJovem. Isso demonstra o quê? Que nós estamos criando oportunidade para algumas pessoas, ainda não para todos como eu gostaria de criar, para os 186 milhões mas estamos criando, e quando as pessoas têm oportunidade elas se agarram e vão em frente.

Eu vou repetir, se eu tiver que disputar as eleições outra vez, eu tenho material de sobra para mostrar a diferença do Brasil de 2006 para o Brasil de 2002, para o Brasil de 2000 e tantos anos que a gente queira comparar. Estou muito tranqüilo em relação a isso. A agricultura familiar – eu sei que o coordenador aqui está querendo que eu acabe logo – mas a agricultura familiar, os meus companheiros gaúchos sabem que era só do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Quando o governo anunciava o Pronaf, era só para Santa Catarina e Rio Grande do Sul, que pegavam 80% dos recursos porque eram os estados mais organizados, onde a agricultura familiar estava mais organizada. Nós conseguimos sair de uma liberação de 2 bilhões e 400 milhões de dólares, em 2003, para 6 bilhões e 200 milhões, em 2005. E, para a safra de 2005/2006, estamos disponibilizando 9 bilhões de reais. Estados do Nordeste brasileiro que tinham dois ou três mil agricultores pegando o Pronaf, hoje têm 100 mil, 150 mil, 80 mil, ou seja, nós, na verdade, elevamos isso muito e vamos chegar, se Deus ajudar, a quase dois milhões de contratos nesta safra que está terminando agora. Essa é uma revolução na agricultura familiar que precisava, porque gera posto de trabalho, gera manutenção da pessoa na sua cidade e melhora a qualidade dos produtos. É por isso que nós vamos fazer o jogo, qualquer que seja o candidato dos partidos que me



apóiam, do PT, se for de outro partido político, nós temos instrumentos para fazer uma campanha e debater com os nossos adversários.

Luís Fara Monteiro: Falamos ao vivo do Palácio do Planalto, nesta entrevista coletiva do presidente Lula a emissoras de rádio. Romualdo de Souza, da Rádio Jornal do Comércio.

Jornalista Romualdo de Souza: Presidente Lula, a deputada Zulaiê Cobra disse que o senhor é um bandidão. Eu pergunto: que tipo de cobra é a deputada? E o líder Artur Virgílio disse que era capaz de dar uma surra no senhor. O senhor teria coragem de enfrentá-lo, uma vez que ele é lutador de taekwondo, Presidente? Ou jiu-jitsu?

Presidente: Eu demorei muito para receber o diploma de Presidente da República. Foram três derrotas, muito sacrifício para chegar e, quando a gente pega aquele diploma, é preciso que as pessoas tenham a dimensão de que aquele diploma vem carregado de uma responsabilidade, porque vem para as tuas costas a responsabilidade de cuidar de 186 milhões de seres humanos e isso não me permite fazer política rasteira, baixar o nível do comportamento de um presidente da República. Lamentavelmente, no Brasil... Lamentavelmente, não. No Brasil, nós temos imunidade total para parlamentares que chega a levar à impunidade. Qualquer cidadão, de qualquer estado de vocês, pode processar o presidente da República. O presidente da República é acusado e não pode processar um deputado porque ele tem imunidade. Então, eu não posso responder a esse baixo nível da política nacional. Cada um será julgado por aquilo que fez e por aquilo que falou. Aqueles que exageraram, o povo irá julgá-los. Portanto, eu peço desculpas a você de não entrar no detalhe das provocações porque quando as pessoas baixam o nível é porque as pessoas estão ficando desesperadas.



Luís Fara Monteiro: Nove horas e cinquenta e três minutos. Pergunta de Fábio Maçal, da Rádio Guaíba.

Fábio Maçal – Rádio Guaíba: Presidente, o Sandes Júnior que acabou de derrubar o lead, virou o líder governista da entrevista, ele já é da sua base, virou o líder governista, mas tudo bem. Mas, Presidente, muitos ouvintes me ligam afirmando que nos postos de saúde faltam medicamentos, o governo já gastou mais de 1 bilhão de reais em viagens e diárias com seus funcionários. Muitas viagens não poderiam ser evitadas em função do avanço das comunicações? E por que o governo não cria um banco de milhagens que favoreceriam o governo e não o funcionário viajante como ocorre hoje? E o senhor vai inaugurar em seu governo a duplicação da BR 101?

Presidente: É bem possível que tenha exagero em viagens. Agora, determinadas pessoas fazem críticas às viagens imaginando que o governo deva, junto com o seu grupo de assessores, ficar trancafiado dentro do Ministério, num país de 8 milhões e meio de quilômetros quadrados e num país que tem uma relação internacional e uma importância muito forte.

Se nós temos problemas na saúde não é por causa das viagens, deve ser outro problema, porque nós fazemos transferência de recursos para prefeitos e para os estados. Então, é preciso saber se o dinheiro que está sendo transferido está sendo aplicado corretamente na compra dos remédios, na compra de equipamentos, porque o orçamento do Ministério da Saúde é um orçamento, eu diria, sozinho, ele é metade do orçamento de todos os outros ministros. Portanto, o problema não é da falta de dinheiro.

De vez em quando eu vejo na televisão: está faltando remédio, está faltando isso. Num país desse tamanho, com uma quantidade de quase seis mil prefeituras, 27 governadores, é bem possível que em alguma região as



peças cometam erros, tardaram nas compras, mas eu posso te dizer que dinheiro nós temos no Ministério da Saúde e eu espero que a gente possa entender, de uma vez por todas, que o que nós estamos fazendo na área da saúde, sobretudo com médico de família, a quantidade de hospitais que estamos reformando no Brasil inteiro, sobretudo na cidade de Porto Alegre, a política de saúde bucal que estamos fazendo no Brasil... Eu quero chegar no dia 31 de dezembro de 2006 inaugurando 400 centros de saúde bucal, em que as pessoas vão ser atendidas por telefone, vão fazer tratamento de canal, vão fazer ortodontia, que hoje é só coisa de gente chique, só gente chique é que pode pagar um dentista, colocar aqueles negocinhos na boca. Pobre, agora, vai ter direito de colocar, pobre não, qualquer um pode colocar; o rico se quiser, pode ir também, não é só para pobre. O trabalho é para ajudar aqueles que não podem pagar um dentista, mas se tiver... se o Fábio, da Rádio Guaíba quiser ir, pode ir, se o Mário Kertész quiser ir... Klécio, se você quiser tratar o dente, pode ir lá no centro de saúde bucal e ainda vai fazer tratamento de canal, e vai fazer prótese de primeira qualidade.

Não é aquela prótese que, normalmente, em época de eleição em alguns estados, o político leva em uma cesta e bota qualquer uma na boca do cidadão. Às vezes não cabe, mas fica na boca, às vezes é muito larga. Não, agora ele vai ter um protético que vai tratá-lo com respeito. É uma revolução e, como eu sou nordestino, eu falo muito do Nordeste porque é no Nordeste que a gente presencia mais essas coisas. Hoje, já na periferia dos grandes centros, a gente presencia jovens de 17 anos, 18 anos, 20 anos sem dente na boca. As pessoas não riem, de vergonha.

Então, nós estamos recuperando a cidadania desses milhões de brasileiros. São quatrocentos centros de saúde bucal, cada centro tratando de 500 mil pessoas, num ciclo de 500 mil pessoas, e essas pessoas vão ser atendidas por telefone, com horário marcado, coisa de primeiro mundo, para acabar com essa mania de que pobre tem que entrar na fila para conquistar



qualquer coisa.

Fábio Maçal – Rádio Guaíba: E inaugura a BR-101?

Presidente: Eu penso que está muito adiantada. O nosso compromisso é trabalhar aquela obra com uma pressa muito grande. Por que? Porque ela está no eixo central do Mercosul. E não apenas o transporte de carga, mas o transporte de gente, ou seja, nós queremos muitos argentinos e muitos uruguaios vindo passar férias em Torres, vindo passar férias em Santa Catarina, vindo passar férias no Brasil, e queremos que os brasileiros também vão passar férias lá. Tem muitos acidentes naquela estrada. Você está lembrado que, em 2002, foram lá, fizeram a ordem de serviço, entregaram o documento para um trabalhador, eu fui três anos depois, recebi do trabalhador a ordem de serviço que ele recebeu porque a obra não tinha começado, e começamos. Começamos, ela está a todo vapor, eu já fui lá, devo outra vez visitar a obra em Santa Catarina ou Rio Grande do Sul, porque essa obra não é uma paixão gaúcha e catarinense, é uma paixão nacional, porque ela é um grande corredor de exportação de turistas, ou melhor, de trânsito de turistas e de exportação das nossas riquezas.

Luís Fara Monteiro: Bom, esta é a primeira de uma série de três entrevistas coletivas de rádio com o presidente da República. Hoje, estamos recebendo as rádios regionais. Em breve, o Presidente vai falar para as rádios do Rio de Janeiro e de São Paulo e também para as emissoras que compõem em rede nacional. Vamos a Leid Carvalho, da Rádio Itatiaia, de Minas Gerais.

Leid Carvalho – Rádio Itatiaia: Presidente, na primeira pergunta do Wilson Ibiapina, na primeira rodada, o senhor deu algumas respostas que, para mim,



deixaram alguns enigmas, sobre política econômica. O senhor disse que o ser humano nasce e morre tentando se aperfeiçoar, que tudo vai melhorar na hora em que os juros baixarem, que vamos ter um ajuste da política cambial... Presidente, o que o senhor está querendo dizer com isso? Que o juro vai baixar, que o governo vai interferir no câmbio, que o superávit vai diminuir? Isso, em véspera de ano eleitoral. E talvez por isso, até agora, o senhor não tenha feito uma defesa pública veemente do ministro Palocci? O senhor pode dizer, já me antecipando, o senhor pode dizer que já fez várias defesas do ministro Palocci. Claro, várias vezes a gente já percebeu essa defesa. Mas, Presidente, nos últimos dias, a coisa ficou feia para o ministro Palocci. Uma palavra pública do senhor, o senhor sabe a importância que tem.

Presidente: Leid, deixe eu dizer uma coisa para você com a sinceridade, não apenas do presidente da República, mas de um brasileiro. Primeiro, eu não posso crer que você tenha entendido que eu disse vou mudar o superávit, que vou mudar a política cambial. Eu disse que nós, na medida em que conquistamos a estabilidade, na medida em que conseguimos controlar a inflação, nós estamos vendo os juros caírem. Já caiu de 19,75% para 19%, a tendência natural é o juro continuar caindo. Na medida em que o juro vai caindo, a tendência natural é o câmbio ter um ajuste, por conta da redução da taxa de juros. O superávit será o superávit de 4,25% que nós assumimos o compromisso, e ninguém faz superávit porque gosta de fazer superávit. Nós fazemos superávit porque devemos muito, é quase um trilhão a nossa dívida interna, e nós precisamos dizer aos nossos credores que, muitas vezes, é grande parte da classe média brasileira que tem poupança nos bancos, que eles vão ter como receber aquilo que é o dinheiro deles. E nós não fazemos isso porque é maravilhoso fazer superávit. Fazemos porque é uma demonstração de seriedade. Como um trabalhador que entra em uma loja para comprar um aparelho eletrodoméstico e acerta com o dono da loja a prestação



que ele pode pagar, e ele cumpre, nós queremos cumprir. Nós temos uma dívida que não fomos nós que fizemos, mas você sabe que quando a gente assume a Presidência, a gente assume o bônus e o ônus de quem saiu da Presidência da República. E eu quero reafirmar, aqui: o ministro Palocci é um ministro da minha inteira e total confiança e o Brasil deve muito a ele. Não sei se um economista conseguiria fazer o que o Palocci fez na política econômica.

Eu vou aproveitar que você fez a última pergunta para dizer o seguinte, apenas um estudo comparativo: o crescimento real do PIB, em 2002, era de 1,9%, nós já estamos com uma média de 4%; a taxa de inflação era de 12,5%, nós estamos com 4,9%; a taxa de desemprego era 11,7%, estamos com 9,4%; a taxa de juro médio na taxa Selic, este ano, a deles foi 19%, a nossa média foi 10,5% ou um pouco menos; nas exportações, exportávamos 60 bilhões, estamos exportando 115 bilhões e 300 milhões; nas importações, importávamos 47 bilhões, estamos importando 74 bilhões – e aí, um dado: é importante importar, sobretudo quando estamos importando bens de capitais porque significa que as nossas empresas estão se renovando, estão se modernizando, o que significa que estão acreditando na economia brasileira. Em transações de conta corrente, nós tínhamos 1,7% negativo, hoje, temos 1,3% positivo; no déficit nominal do PIB, nós tínhamos 10,3%, hoje temos apenas 2,3%; o superávit primário do PIB era de 3,75%, nós temos, hoje, 4,25%; a dívida externa era de 3,5%, nós temos apenas 1,7% do PIB; nas reservas internacionais, tínhamos 16, hoje temos 53 bilhões; o crédito do setor privado, tinha 26%, hoje tem 31%; em empregos, eu já disse que temos uma média positiva de 108 mil mensais, contra uma média de 8 mil positivos nos oito anos anteriores.

E aí, é só você pegar o valor do salário mínimo. Vocês estão lembrados do quanto a gente reivindicava um salário mínimo de 100 dólares. Vocês estão lembrados o quanto a gente pode comprar hoje com um salário mínimo, em função da cesta básica. Estamos comprando quase 1,8% com um salário



mínimo. Por quê? Porque nós tomamos medidas que baixaram impostos, nós desoneramos a farinha de mandioca, nós desoneramos o feijão, desoneramos uma série de produtos... o óleo que está tornando... De vez em quando eu estou na rua... esta semana mesmo eu estava no aeroporto em Governador Valadares, Minas Gerais. E eu desci no aeroporto, fui cumprimentar as pessoas e um cidadão gritava para mim: “presidente Lula, sabe porque os seus adversários estão nervosos com você? Por que quando você assumiu a Presidência, o saco de 5 quilos do arroz Tio João estava a 13 reais e agora está a 4,90.

Possivelmente, os meus adversários não compreem arroz porque têm quem compre para eles, mas o povo pobre sabe o que está acontecendo. O povo pobre sabe que um saco de cimento custava 22,50 reais quando eu tomei posse e hoje estamos comprando um saco de cimento a R\$ 10,90, R\$ 11, o povo sabe. Esses dias, a televisão mostrou um cidadão comprando um quilo de filé. Ele falou: “há muitos anos eu não conseguia comprar um quilo de filé”. Para quem come isso todo dia não tem nenhuma importância mas, para quem não consegue comer, isso tem um valor incomensurável.

Então, essas coisas têm muito a ver com o meu companheiro ministro Palocci, que continua tendo de mim toda a consideração que eu tinha antes, tenho agora e vou ter depois. E se vocês querem que eu diga, eu vou repetir aqui: o Palocci é e vai continuar sendo o meu ministro da Fazenda.

Luís Fara Monteiro: Nós lembramos que o presidente Lula fala sempre às segundas-feiras no seu programa de rádio “Café com o Presidente”. Nas principais emissoras de sua cidade, você pode ouvir o programa.

Agradecemos a Wilsom Ibiapina da Rádio Verdes Mares; a Patrick Motta, da Rede Amazônica; a Klécio Santos, da Rádio Gaúcha; a Santino Soares da Rádio Liberal; a Sandes Júnior, da Rádio Terra FM de Goiânia; à Rádio Metrôpole, com Mário Kertész; a Romualdo de Souza, da Rádio Jornal



do Comércio de Pernambuco; a Fábio Marçal, da Rádio Guaíba do Rio Grande do Sul e a Leid Carvalho, da Rádio Itatiaia.

Presidente, o coordenador não queria terminar a entrevista. O coordenador ficou olhando para o senhor, esperando a deixa para fazer a próxima intervenção. Poderíamos ficar aqui mais uns momentos, o que seria muito bom para todos nós e para toda a sociedade.

Muitíssimo obrigado pela sua participação, obrigado pela sua iniciativa de estender mais um bloco para conversar com nossos amigos radialistas.

Presidente: Eu quero... o problema é que o Luís também é chamado de Lula, mas eu sou obrigado a chamá-lo de Luís, só. Eu quero primeiro, Patrick, Santino, Mário Kertész, Fábio, Leid Carvalho, Romualdo, Sandes Júnior, Klécio Santos e Wilson Ibiapina, agradecer a vocês, eu penso que vocês participaram de uma entrevista que pode se tornar um modelo para outros estados. Nós deveremos fazer outra com outros estados que não estão aqui, e eu confesso a vocês que gosto deste tipo de coisa porque quando a gente faz uma entrevista, um debate ao vivo com perguntas e respostas, para quem está ouvido fica muito mais nítido, ou seja, não tem interpretação do que o Mário Kertész pensou de mim ou do que a Leid pensou de mim, sabe, o povo já ouviu o que eu falei, o povo já ouviu a pergunta dela e já ouviu a resposta e está lá analisando, está lá maturando isso. Eu acho extremamente importante.

Eu espero que vocês tenham gostado, certamente vocês gostariam de ter feito muito mais perguntas, mas aí teria que ser individual e individual não dá porque tem muitas rádios no Brasil, não é possível, mas se vocês acharem que o modelo de entrevista é correto, nós poderemos fazer outras. Vocês nunca receberão da minha assessoria nenhuma intimação sobre: “que pergunta vai fazer”; nunca receberão da minha assessoria: “tal tema, não discuta”; nunca, porque a nossa vida – a minha, a de vocês e a do povo brasileiro – tem que, cada vez mais, consolidar essa relação democrática e



respeitosa que nós temos que ter.

A democracia é uma conquista do povo brasileiro, é uma conquista feita com muito sacrifício e a imprensa brasileira, que todo político odeia quando a imprensa fala mal e elogia quando a imprensa fala bem, ou seja, a imprensa, fale mal ou fale bem, exerce um papel extraordinário na consolidação do processo democrático.

Quando um jornalista erra, uma empresa erra, quem vai julgar é o seu ouvinte, se for rádio; é o seu telespectador, se for televisão; é o seu leitor, se for jornal. Não cabe a nós ficar julgando. Então, eu penso que essa experiência, eu gostei do modelo. Se vocês gostaram, é possível repetir a dose. Aí, o André Singer pode cuidar disso com vocês, pode ser com mais frequência, não precisa demorar um ano, pode ser com mais frequência porque eu sei que vocês têm coisas para perguntar para o Presidente da República e sei que o Presidente da República tem coisas para falar para vocês. Portanto, muito obrigado a todos vocês, um abraço a todos. Só quero, aqui, me dirigir especialmente ao Marçal e dizer: Marçal, lamentavelmente, como radialista da Rádio Guaíba e torcedor do Internacional, eu que sou corintiano em São Paulo e sou Internacional em Porto Alegre, mas também admiro muito o Grêmio... Eu até nem quero que o Corinthians tenha uma vitória sobre o Internacional porque eu não queria ser campeão em cima do Internacional, eu queria ser em cima do outro. Se empatar, já está bom. Mas será inevitável que o Corinthians seja o campeão brasileiro, este ano. E, para deixar você mais nervoso, eu penso que na semana que vem o Carlito deve estar aqui me fazendo uma visita, e tudo vai ficar muito mais fácil para o campeonato brasileiro. Muito obrigado a vocês, de coração, meus agradecimentos pela presença de vocês.

Luís Fara Monteiro: Lembramos que, em breve, o Presidente vai conceder outra entrevista coletiva a emissoras do Rio e de São Paulo, e também a emissoras de rádio que compõem a rede nacional. Esta entrevista foi



coordenada pelo Porta-Voz da Presidência, professor André Singer. Obrigado a você que nos ouviu em todo o Brasil, uma boa sexta-feira e um ótimo fim de semana. Até a próxima.